

LEXICOGRAFIA E ENSINO: O AUXÍLIO DOS DICIONÁRIOS GERAIS DE LÍNGUA ESPANHOLA DISPONÍVEIS NA INTERNET

Laura Campos de Borba¹

RESUMO: No âmbito do ensino-aprendizagem de espanhol no Brasil, os dicionários gerais de língua espanhola são uma opção de material didático que pode ser utilizado como instrumento auxiliar. Essa classe de dicionários, por sua vez, pode ser encontrada através de dois tipos de suporte: impresso e eletrônico (via CD, DVD ou disponível na Internet). Ainda que o suporte impresso seja o mais tradicional, os dicionários eletrônicos ganharam espaço junto ao usuário por oferecerem uma maior facilidade de acesso (já que muitos podem ser consultados na internet de maneira gratuita) e rapidez nas buscas. Este trabalho tem por objetivo elencar quais são as opções de dicionários gerais de língua espanhola disponíveis gratuitamente na internet e avaliá-las. Como metodologia, analisou-se cada dicionário a partir de seus componentes canônicos, quais sejam: macroestrutura, microestrutura, medioestrutura e *Front Matter*. Nossos principais resultados apontam, em primeiro lugar, que é preciso ter cautela ao empregar os dicionários analisados como recurso auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, pois as informações apresentadas nem sempre estão em conformidade com os dados dos corpora consultados. Em segundo lugar, esses dicionários não são iniciativas originais, mas sim transposições para a Internet de dicionários impressos já existentes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem de espanhol; Lexicografia Hispânica; Dicionários on-line.

ABSTRACT: In teaching and learning Spanish in Brazil, general Spanish dictionaries are an option of teaching materials that can be used as an auxiliary instrument. In turn, we can find this dictionaries class through two types of media: print and electronic (through CD, DVD or available on the Internet). Although printed media is most traditional, electronic dictionaries gained ground among users by offering ease of access (because we can find many electronic dictionaries free the internet) and speedy searches. This work aims to list the free options of dictionaries Spanish-speaking available on the internet and evaluate them. As methodology, we analyzed each dictionary from their canonical components, namely: macrostructure, microstructure, mediostructure and Front Matter. Our main results show, first, that one must be careful to use the analysed dictionaries as a resource assist in the teaching-learning process because the information presented is not always in accordance with the data of the corpora. Second, these dictionaries are not original initiatives, but transpositions to the Internet of existing printed dictionaries.

KEYWORDS: Teaching and learning Spanish; Hispanic Lexicography; Online dictionaries.

O dicionário como material didático

No que concerne ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, os dados mais atuais apontam que o espanhol é a terceira língua mais estudada a nível mundial (Bertlitz Corporation (2005), apud INSTITUTO CERVANTES (2015, p. 9)). Ocupar a terceira colocação significa, em termos numéricos, apresentar uma cifra que ultrapassa os 21 milhões de estudantes de espanhol como língua estrangeira (ELE)², segundo o informe *Español Lengua Viva 2015* (INSTITUTO CERVANTES, 2015, p. 9-10). Desse total de estudantes, mais da metade se concentra nos Estados Unidos (7.820.000) e no Brasil (6.120.000). Contudo, a própria fonte dos dados salienta que, por

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da UFRGS. Bolsista de Mestrado CNPq. E-mail: lauracborba@hotmail.com.

² Neste trabalho, será utilizada a expressão *espanhol como língua estrangeira* (ELE), não obstante que Schlatter e Garcez (2009, p. 127) orientem o uso da expressão *língua adicional* em detrimento de *língua estrangeira*. Nossa decisão se justifica pelo fato de que a expressão *espanhol como língua estrangeira* (*español como lengua extranjera*) já está cunhada na tradição hispânica e é de uso massivo em trabalhos acerca do ensino-aprendizagem de espanhol entre falantes não nativos da língua (nas atas da *Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera* (ASELE), por exemplo, não constam trabalhos com a expressão *español como lengua adicional*).

um lado, as cifras apresentadas não são de caráter exaustivo. Por outro lado, é preciso considerar que tais cifras dizem respeito apenas à esfera privada de ensino.

Os dados apresentados não são relativamente recentes, no caso do ranking das línguas estrangeiras mais estudadas, nem contemplam todas as esferas de ensino, no caso das estatísticas apresentadas no informe do Instituto Cervantes; entretanto, fornecem um panorama aproximado acerca do interesse pelo estudo de ELE no mundo e no Brasil.

No Brasil, a demanda em relação ao ensino de espanhol envolve, entre outras questões, a oferta de materiais didáticos (livros didáticos, gramáticas e dicionários), pois estes materiais poderiam servir de auxílio ao estudante durante seu processo de ensino-aprendizagem da língua. No âmbito acadêmico, a oferta de materiais didáticos no país foi alvo de uma pesquisa realizada na Universidade de São Paulo (USP)³. Os dados dessa pesquisa revelam, entre outros aspectos, que há uma carência na oferta de livros didáticos e gramáticas voltados para estudantes de níveis avançados (B1 e B2) e superiores (C1 e C2)⁴. Como consequência desse cenário, confere-se aos dicionários a tarefa de subsidiar os estudantes de ELE de níveis avançados ou superiores que optem por empregar um material didático como recurso auxiliar durante seu processo de ensino-aprendizagem. Desta condição à qual os dicionários são submetidos, por sua vez, derivam dois questionamentos:

a) Que classes de dicionários de espanhol poderiam auxiliar os estudantes de ELE de níveis avançados e superiores?

b) Sob que suporte(s) esses dicionários podem ser encontrados?

No tocante ao primeiro questionamento, Farias (2011), por exemplo, correlaciona distintas classes de dicionários de espanhol aos diferentes níveis de aprendizagem de ELE. Entre os resultados apontados, salienta-se que os dicionários monolíngues para falantes nativos de espanhol seriam os mais indicados para quem já possui um grau considerável de proficiência em língua espanhola - perfil ao qual se ajustam os estudantes de ELE de níveis avançados e superiores. A classe dos dicionários monolíngues para falantes nativos, por sua vez, constitui-se de outras classes de obras, como os dicionários gerais de língua⁵ - que constituem o foco deste trabalho.

O segundo questionamento está relacionado ao acesso aos dicionários monolíngues para falantes nativos - mais especificamente aos dicionários gerais de língua. Os dados da pesquisa da USP, por exemplo, citam obras ou de suporte impresso ou de suporte eletrônico (via CD-ROM ou DVD-ROM⁶). No entanto, não são apontadas quais são as opções de obras de suporte eletrônico disponíveis na Internet - os dicionários on-line. Cabe destacar que a carência de trabalhos que

³ Trata-se do projeto intitulado "Materiais didáticos de espanhol: entre a quantidade e a diversidade", realizado entre março de 2010 e dezembro de 2012 sob a coordenação da prof.^a Dra. Gretel Eres Fernández (ERES FERNÁNDEZ, 2012).

⁴ Neste trabalho, considera-se a escala A1-A2 / B1-B2 / C1-C2, presente no *Plan Curricular del Instituto Cervantes* (PCIC, 2006). Este documento, por sua vez, orienta o ensino-aprendizagem de espanhol como segunda língua e foi elaborado com base no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL, 2001).

⁵ Outros exemplos de classes obras monolíngues para falantes nativos são os dicionários de uso e de sinônimos.

⁶ O *Diccionario General de la Lengua Española VOX* (s.d.), por exemplo, é de suporte impresso. Conforme os resultados da pesquisa da USP, esta obra está acompanhada do *Diccionario de Uso del Español de América y España* (2002) - que, por sua vez, é um dicionário de suporte eletrônico via CD-ROM.

tratem dos dicionários de espanhol disponíveis na Internet pode ser percebida também no âmbito específico dos estudos de lexicografia hispânica. Segundo Borba (2014), a relação de dicionários on-line de espanhol e a avaliação qualitativa dessas obras são questões que, até então, não foram discutidas de maneira aprofundada.

Em resumo, salientamos, por um lado, que o dicionário geral de língua espanhola é um instrumento didático passível de ser utilizado por aprendizes brasileiros de espanhol de níveis avançados e superiores. Por outro lado, sabe-se pouco a respeito das opções de dicionários gerais de espanhol disponíveis na Internet e da qualidade das informações fornecidas nessas obras. A partir das considerações apresentadas, são estabelecidos dois objetivos para o presente trabalho. O primeiro consiste em realizar um breve levantamento dos dicionários gerais de língua disponíveis on-line. O foco específico desse levantamento diz respeito às obras disponíveis gratuitamente na Internet. O segundo objetivo, por sua vez, consiste em avaliar a qualidade da informação apresentada nos dicionários encontrados. Para alcançar tais objetivos, primeiramente, serão apontadas quais são as contribuições teóricas acerca da lexicografia hispânica disponível na Internet. Em segundo lugar, serão apresentados os resultados de uma busca por dicionários on-line gerais de língua espanhola disponíveis de maneira gratuita na Rede. Em terceiro lugar, serão apresentados estudos e teorias que permitem: a) classificar dicionários; b) identificar as características correspondentes à classe dos dicionários gerais de língua; e c) avaliar obras lexicográficas. Por fim, serão expostos os resultados das avaliações de cada dicionário encontrado.

A lexicografia disponível na Rede

A propagação do uso da Internet e das ferramentas de busca on-line proporcionou, a partir dos anos 1990, um acesso mais amplo à informação. Paralelamente à ampliação do acesso à informação, surge a preocupação quanto à confiabilidade das informações contidas na Rede. Essa preocupação pode ser observada através de pesquisas acerca do uso da Internet, como é o caso do *World Internet Project* (WIP, 2013), por exemplo. A partir de enquetes realizadas junto a usuários de Internet de alguns países⁷, concluiu-se que “altas porcentagens de usuários em todos os países WIP disseram que não confiam muito na informação que encontram on-line”⁸ (WIP, 2013, p. 63, tradução nossa). Ainda que não colete dados dos usuários de internet no Brasil, o relatório WIP (2013) ilustra brevemente, por um lado, a desconfiança dos usuários da Internet em relação às informações que circulam na Rede, e, por outro lado, a necessidade de uma análise crítica dessas informações.

No âmbito da Lexicografia, a preferência por mais rapidez na busca de informação se reflete no uso ingente dos dicionários eletrônicos, especialmente aqueles disponíveis gratuitamente na Internet. Heid (2013), por exemplo, afirma que

Com as tecnologias para apresentação de informação que têm sido desenvolvidas fora do âmbito da lexicografia [...], a gama de possibilidades da lexicografia para

⁷ Chipre, México, Polônia, Rússia, Suíça, Taiwan e Estados Unidos.

⁸[Large percentages of users in all of the WIP countries said they do not trust much of the information they find online]

apresentar conteúdos de dicionários on-line tornou-se muito mais ampla do que a usada em mídia offline⁹ (HEID, 2013, p. 27, tradução nossa).

Pode-se dizer que a facilidade de acesso, a velocidade com que são apresentadas as informações e a variedade de opções de busca convergem para um uso massivo de dicionários dessa natureza.

No que concerne à lexicografia hispânica mais especificamente, há poucos estudos científicos divulgados acerca do espectro e/ou da qualidade de dicionários de espanhol disponíveis na Internet. Através de uma busca em alguns veículos de divulgação da produção acadêmica¹⁰ dos últimos quinze anos, foram encontradas apenas uma resenha e dois artigos: Corpas Pastor (2005), Borba (2013) e Izquierdo (2013), respectivamente. A resenha trata a respeito da primeira edição de um dicionário escolar on-line que, atualmente, já está na sua quarta edição. O artigo de Borba (2013) analisa o DRAE (2001)¹¹. Em Izquierdo (2013), por sua vez, os dicionários produzidos pela Real Academia Española são apresentados e brevemente analisados.

Em suma, é sensível a escassez de estudos que relacionem os dicionários de espanhol disponíveis on-line e/ou que analisem dicionários on-line. Em vista disso, e a fim de cumprir com o primeiro objetivo deste trabalho, serão apresentados a seguir os resultados de uma busca por dicionários gerais de língua espanhola.

A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa realizada no provedor de busca *Google* (www.google.com) através das palavras-chave *diccionario español*. Dentre as cinco primeiras páginas de resultados, foram identificadas as seguintes obras: 1) a versão eletrônica do *Diccionario de la Lengua Española* (DRAEe, 2014); 2) o *Diccionario Español* (site Word Reference); 3) um dicionário geral disponível no site do jornal espanhol *El Mundo*; 4) um dicionário geral disponível no site do jornal espanhol *El País*; 5) um dicionário de espanhol disponível no site *Diccionarios.com*, da editora Larousse. Os demais resultados são referentes a dicionários de outras classes, como os bilíngues e de colocações.

A seguir, e para cumprir com o segundo objetivo deste trabalho, serão apresentadas as características dos dicionários gerais e os critérios utilizados para avaliação dos mesmos.

Características dos dicionários gerais de língua

Conforme Bugueño Miranda (2013, p. 21), um dicionário deve ser produto da convergência entre três parâmetros: taxonomia (classificação), função e usuário almejado (consulente).

Em primeiro lugar, no que concerne à taxonomia, um dicionário geral de língua é classificado como um dicionário semasiológico. O caráter semasiológico de uma obra, por sua vez, pode ser identificado através da organização das informações e da função almejada. Por um lado,

⁹ [With technologies for information presentation that have been developed outside lexicography, [...] the range of possibilities for lexicography to present dictionary contents online has become much wider than it used to be in offline media]

¹⁰ Atas da *European Association for Lexicography* (EURALEX), as atas da ASELE, as publicações do *International Journal of Lexicography* (IJL) e as publicações do *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos* (ABEH).

¹¹ Em Borba (2013), cita-se a edição impressa. No entanto, como será comentado mais adiante, este dicionário possui uma versão eletrônica, com o mesmo conteúdo apresentado na edição impressa.

as informações apresentadas nessa classe de obras sempre partem do lema para a definição (ou, dito em termos saussureanos, do significante para o significado). Por outro lado, a função atrelada a um dicionário semasiológico é a de compreensão (escrita e/ou oral) da língua.

Em segundo lugar, e aplicando as distinções presentes em Coseriu (1980), uma característica que distingue os dicionários gerais em relação às demais classes de dicionários semasiológicos é a tentativa de compilar o maior número possível de eixos do diassistema de uma língua - tais como espaço (eixo diatópico), tempo (eixo diacrônico)¹², situação de uso (eixo diafásico) e estrato sociocultural (eixo diastrático).

Em terceiro lugar, os dicionários gerais de língua são obras cujo usuário almejado é o falante nativo da língua retratada pela obra.

Seguindo o modelo de classificação taxonômica proposto por Bugueño Miranda (2014), um dicionário pode ser classificado como geral ao cumprir a seguinte matriz de traços: a) ser monolíngue; b) estar voltado para falantes nativos (usuário); c) refletir unidades léxicas relativas ao discurso livre (expressões monolexemáticas); d) apresentar ênfase no significado (definição) das unidades léxicas; e) apresentar ênfase semasiológica (função de compreensão); e f) ser diassistemicamente inclusivo, mas sem incluir todos os eixos possíveis do diassistema de uma língua.

Após situar a classe dos dicionários gerais de língua em relação à sua classificação, função e usuário, a seguir, serão apresentados critérios de avaliação destes dicionários.

Crítérios para avaliação de dicionários semasiológicos

Um dicionário semasiológico possui quatro componentes canônicos: *Front Matter*, macroestrutura, microestrutura e medioestrutura. Nos subtópicos que seguem, cada componente será apresentado e comentado.

Front Matter

Conforme Fornari (2008), o *Front Matter* está localizado ao longo das primeiras páginas do dicionário, antes da macroestrutura (ou nominata). Esse componente forma parte de um conjunto de textos externos à nominata, juntamente com o *Middle Matter* e o *Back Matter*¹³. A principal função do *Front Matter* é mediar a consulta do usuário de dicionários à obra lexicográfica. De acordo com Borba e Bugueño Miranda (2012, p. 35-36), o *Front Matter* deve orientar o consulente em relação a quatro aspectos específicos: a) usuário almejado; b) função; c) seleção macroestrutural; e d) tipo de informações que a obra contém e como são apresentadas (uso de símbolos como a seta, por exemplo).

Em suma, esse componente da obra lexicográfica deve desempenhar o papel de manual de instruções para o consulente.

¹² Em um dicionário geral, não são incluídos todos os elementos relativos ao eixo diacrônico de uma língua. Incluem-se apenas algumas etapas da diacronia, configurando, assim, uma representação diacrônica parcial. Em Bugueño Miranda (2014), por exemplo, esse aspecto é especificado através do traço α exaustivo.

¹³ Não foi possível apresentar largamente o *Middle Matter* e o *Back Matter* porque esses conceitos não estão bem demarcados na metalexigrafia (para maiores informações, cf. TEDESCO SELISTRE (2012, p. 249)).

Macroestrutura

A macroestrutura é composta pelo conjunto de palavras-entrada (geralmente indicadas em negrito) lematizadas no dicionário, bem como pelos critérios de seleção e lematização dessas unidades léxicas. O conjunto de palavras-entrada incluídas precisaria refletir os critérios de seleção das mesmas. Tais critérios, por sua vez, precisariam estar em consonância com a classe, função e usuário almejados pelo lexicógrafo.

A primeira etapa de avaliação da macroestrutura de um dicionário semasiológico é a seleção de intervalos lematizados. É importante observar que, até o momento, não foi possível estabelecer, no âmbito da teoria metalexigráfica, um número de intervalos e de unidades léxicas por intervalo mais adequado para análise. Em vista disso, a determinação dos intervalos é realizada de maneira aleatória.

A segunda etapa de avaliação corresponde à análise quantitativa da macroestrutura. Existem dois tipos de critérios quantitativos, apontados em Bugueño Miranda (2007a): estatístico e sin-/(dia)sistêmico. Através do critério estatístico, verifica-se a frequência das unidades léxicas de cada intervalo lematizado com o auxílio de um corpus. Já a partir do critério sin-/(dia)sistêmico, as unidades léxicas dos intervalos lematizados são analisadas considerando-se os eixos do diassistema: espaço, tempo, situação de uso e estrato sociocultural. Por exemplo: dependendo da classe de obras em questão, um dicionário pode ser sintópico ou diatópico; sincrônico ou diacrônico; sinfásico ou diafásico; ou ainda sinstrático ou diastrático. O acesso a essas informações também ocorre via corpus - sempre e quando se ofereçam tais opções de refinamento de busca.

A terceira (e última) etapa de avaliação da macroestrutura diz respeito à sua análise qualitativa. Através deste tipo de análise, avalia-se o tratamento das seguintes unidades léxicas: a) formas canônicas e formas variantes / de menor prestígio; b) nomes próprios; c) prefixos e sufixos; e d) derivados e compostos.

Em primeiro lugar, Bugueño Miranda (2007a) aponta que é necessário diferenciar as formas canônicas (*type*) de suas respectivas formas variantes ou de menor prestígio (*token*). Tal distinção auxilia o usuário a identificar os usos de cada forma, e efetiva-se através do sistema de remissões do dicionário (cf. item 4.4 para maiores detalhes).

Em segundo lugar, e conforme o mesmo autor, os nomes próprios não devem ser incluídos na macroestrutura de um dicionário de língua. A razão disso estriba-se no fato de que os nomes próprios se referem a entidades individuais, não passíveis de categorização - e que, por consequência, não podem ser definidas (FARIAS, 2013). Por outra parte, uma alternativa mais razoável seria a inclusão dessas unidades no *Back Matter* do dicionário, através de uma lista onomástica (cf. BUGUEÑO MIRANDA (2007a)).

Em terceiro lugar, e da mesma maneira que ocorre com os nomes próprios, em Bugueño Miranda (2007b) recomenda-se que tampouco os prefixos e sufixos formem parte da macroestrutura do dicionário de língua. Dentre as razões apontadas pelo autor está a falta de uma doutrina coerente para o tratamento dessas unidades. Consequentemente, confunde-se o potencial sintagmático dessas unidades com a língua efetivamente realizada - algo que pode ser visualizado, por exemplo, em alguns dicionários gerais de língua portuguesa (para maiores detalhes, cf. BUGUEÑO MIRANDA 2007b, p. 99). Aparentemente, se o lexicógrafo desejar incluir

prefixos e sufixos em um dicionário de língua, seria mais apropriado fazê-lo em outro componente da obra, como o *Back Matter*.

Em quarto lugar, a inclusão de derivados e compostos pode ocorrer através de dois tipos de estrutura de acesso: por ninho léxico e por nicho léxico. Na estrutura de acesso por ninho léxico, essas unidades são agrupadas dentro do verbete correspondente ao simplex (unidade léxica primitiva). Cada unidade recebe um tratamento via *run-on entry*, ou seja, é tratada como “uma palavra ou locução à qual não é dado o status de PALAVRA-ENTRADA, mas é citada como uma subentrada sob uma palavra ou locução relacionada [...]” (HARTMANN; JAMES 1998, s.v. *run-on entry*, tradução nossa. Grifos no original)¹⁴. Em outras palavras, trata-se de entradas subordinadas a uma entrada principal que não recebem uma definição. Na amostra de dicionários analisados, não foram encontradas obras com uma estrutura de acesso por ninhos léxicos.

Já na estrutura de acesso por nicho léxico, busca-se incluir os derivados e compostos através de *run-on entries*, mas, ao mesmo tempo, respeitando-se a progressão alfabética. Essa estrutura é adotada, por exemplo, pelo *Diccionario Práctico del Estudiante* (DiPE, 2007). Nessa obra, s.v. *amoral*, inclui-se o derivado *amoralidad*; s.v. *inmoral*, inclui-se o derivado *inmoralidad*; e s.v. *moral*, incluem-se *moralidad* e *moralina*.

Não obstante essas duas opções disponíveis para o tratamento dos derivados e dos compostos, a estrutura mais comumente adotada pelos dicionários de espanhol é a estrutura lisa. Através dela, tais unidades são incluídas na macroestrutura recuadas estritamente à esquerda e respeitando-se a progressão alfabética. A vantagem da estrutura lisa, quando comparada com as opções por ninho ou nicho léxico, reside na facilidade e clareza oferecidas ao usuário, por seguir estritamente a progressão alfabética, em uma ordem vertical.

Microestrutura

Os critérios de análise da microestrutura dizem respeito, por um lado, aos elementos que compõem este componente canônico e, por outro lado, à qualidade da informação apresentada.

No tocante à composição da microestrutura, Bugueño Miranda (2009a) aponta quatro fatores que precisam ser considerados: a) tipo de unidade léxica em questão; b) programa constante de informações; c) densidade; e d) função.

Em primeiro lugar, um dos fatores a serem considerados na análise da microestrutura é o tipo de unidade léxica, pois o conjunto de informações passíveis de serem fornecidas varia conforme a unidade.

Em segundo lugar, a microestrutura de um dicionário é regida por um programa constante de informações (PCI), que nada mais é que o conjunto de segmentos informativos passíveis de aparecer nos verbetes. Cabe ao lexicógrafo determinar quais segmentos informativos são relevantes para o seu dicionário, de acordo com a classe de obra e o usuário almejados. Conforme Bugueño Miranda (2009a), cada verbete de um dicionário semasiológico pode apresentar duas classes de segmentos informativos que, em analogia à distinção saussureana, referem-se à palavra-entrada enquanto significante (forma) e significado (conteúdo): o comentário

¹⁴ [A word or phrase which is not given separate headword status but is cited as a sub-entry under a related word or phrase]

de forma e o comentário semântico. O comentário de forma (CF) é composto por segmentos informativos tais como a ortografia, a pronúncia, a categoria morfológica e a valência verbal, por exemplo. Já o comentário semântico (CS) é composto de segmentos informativos como as marcas de uso, a definição, os exemplos e os sinônimos, por exemplo. Novamente, é necessário salientar que nem todos os segmentos informativos previstos para a microestrutura estarão manifestados em cada verbete. As marcas de uso, por exemplo, podem estar presentes em alguns verbetes, enquanto que em outros não. Em vista dessas diferenças, faz-se uma distinção entre a totalidade de tipos de segmentos que formam o leque de opções do PCI, chamada microestrutura abstrata, e os segmentos específicos que estão efetivamente presentes em um determinado verbete, que compõem a microestrutura concreta.

Uma última distinção que diz respeito aos segmentos informativos do PCI é o conceito de extensão. Segundo Bogueño Miranda (2009a, p. 62), “o número de segmentos informativos do pci definido para cada categoria morfológica de verbete constitui a definição ou extensão do mesmo”. Em outras palavras, o lexicógrafo pode delimitar o número de segmentos informativos para cada tipo de unidade léxica – optando, assim, por não fornecer todas as informações possíveis.

Em terceiro lugar, ao analisar-se a microestrutura de um verbete, considera-se o fator densidade. No âmbito microestrutural, a densidade diz respeito à reincidência de um ou mais segmento(s) informativo(s), manifestado(s) ao longo do verbete. Segundo Bogueño Miranda (2009a), quando a densidade de informações em um verbete é alta, prejudica-se a qualidade da consulta.

Em quarto lugar, os segmentos informativos manifestados em cada verbete (microestrutura concreta) determinam a função do mesmo. Em um dicionário semasiológico, ainda que a função dessa classe de obra seja a de compreensão da língua, é possível encontrar, eventualmente, alguns segmentos informativos que auxiliam na função de produção textual, como a regência verbal e os sinônimos.

No que concerne à qualidade da informação apresentada na microestrutura, Bogueño Miranda e Farias (2013, p. 4) observam que as informações presentes nos verbetes devem obedecer a dois parâmetros. Primeiramente, precisam ser discretas, ou seja, representar um feito real na língua. Por outro lado, as informações no verbete devem ser também discriminantes, ou seja, oferecer ao usuário almejado uma orientação que o auxilie na execução de tarefas linguísticas relacionadas à função da obra. No caso de um dicionário semasiológico, as informações fornecidas nos verbetes devem auxiliar o usuário a solucionar dúvidas relativas à compreensão escrita e/ou oral.

Existem ainda temas relacionados mais especificamente à análise da definição (ou paráfrase explanatória – cf. Bogueño Miranda (2009b) para esse conceito). Entretanto, a extensão do tema exige um trabalho de discussão e análise exclusivo para essa questão.

Medioestrutura

A medioestrutura corresponde ao sistema de remissões presente no dicionário. Conforme Bogueño Miranda e Zanatta (2010, p. 85), quem propõem uma tipologia de relações medioestruturais, uma remissão pode partir de um segmento macro- ou microestrutural para: a)

outro segmento macro- ou microestrutural; b) um texto externo à nominata (*Outside Matter*); ou c) outro dicionário. Um exemplo para o primeiro tipo de relações é a remissão de uma forma de menor prestígio (*token*) para uma forma de maior prestígio (*type*). Já ao segundo tipo de relações correspondem as remissões que partem, por exemplo, da microestrutura de uma unidade lexical verbal para um quadro de conjugações verbais no *Back Matter*. Por outro lado, as remissões de um segmento informativo referente à etimologia (na microestrutura) para outras fontes de consulta (como os dicionários etimológicos) são exemplos correspondentes ao terceiro tipo de relações medioestruturais.

Ademais dos tipos de relações possíveis, há uma série de parâmetros que deveriam ser considerados quanto à estrutura das remissões (ENGELBERG; LEMNITZER, 2004, apud BUGUEÑO MIRANDA; ZANATTA, 2010, p. 85). Os principais são: a) impulso; b) meta; e c) símbolo usado na remissão.

Em primeiro lugar, o impulso diz respeito à motivação que deu origem à referência. Nesse sentido, há duas razões que justificam o uso de referências: por um lado, evitar a repetição desnecessária de informações; por outro, oferecer ao usuário um conjunto ampliado de informações. Em segundo lugar, a meta da remissão corresponde ao destino da remissão (um verbete, um segmento informativo específico, um texto do *Outside Matter*, entre outros). Em terceiro lugar, o símbolo diz respeito ao sistema semiótico utilizado para indicar a remissão.

Com base nos parâmetros reproduzidos acima, Bugueño Miranda e Zanatta (*ibid*) propõem os seguintes princípios axiomáticos em relação às remissões: rapidez, elucidação e funcionalidade. Segundo os autores, primeiramente, uma remissão deve conduzir o usuário do dicionário rapidamente à meta da remissão, através de um único movimento (isto é, sem a necessidade de consultar um segmento informativo “intermediário” entre o impulso e a meta). Em segundo lugar, uma remissão deve ser elucidativa, na medida em que deve esclarecer ao usuário o impulso e a meta em questão. Em terceiro lugar, uma remissão deve ser funcional, de modo que acarrete um ganho para o usuário.

Avaliação dos dicionários encontrados

Neste capítulo, constam as avaliações do DRAEe (2014), do *Diccionario Español* do site Word Reference (doravante DWR (s.d.)), do dicionário geral do site do jornal espanhol *El Mundo* (doravante DEM (s.d.)), do dicionário geral do site do jornal espanhol *El País* (doravante DEP (s.d.)) e do dicionário geral do site *Diccionarios.com* (doravante DLar (s.d.)).

Para viabilizar o processo de avaliação, primeiramente, foram selecionados aleatoriamente três intervalos lexicais de 14 palavras-entrada, totalizando 42 palavras-entrada por dicionário. Em segundo lugar, foram consultados dois corpora, ambos disponibilizados gratuitamente na Internet pela Real Academia Española: o *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA, 2010) e o *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE, 2010). O CREA (2010) é um corpus de caráter sincrônico, pois compreende o período de 1975 a 2004. Contém mais de 160 milhões de registros de unidades léxicas do espanhol, provenientes de livros, revistas, jornais, diálogos orais (televisão e rádio), entre outros. O CORDE (2010), por sua vez, é um corpus de caráter diacrônico,

pois inclui registros desde os primeiros usos do espanhol até 1974. Contém mais de 250 milhões de registros de unidades léxicas, provenientes de textos escritos.

DRAEe (2014)

Dos dicionários analisados, este é o mais atualizado. Além disso, é o único que está em processo de implementação das novas orientações presentes na *Nueva Gramática de la Lengua Española* (GramLE, 2009) e na *Ortografía de la Lengua Española* (OrLE, 2010). As informações sobre o perfil de usuário e a função almejada para este dicionário podem ser encontradas em um texto de apresentação da obra, publicado no site da *Real Academia Española* (RAE). Nessa página, a RAE esclarece que o usuário almejado são os falantes de espanhol como língua materna e que sua função é a de compreensão.

O *Front Matter* do dicionário, por sua vez, organiza as instruções ao usuário sob a forma de um infográfico (cf. RAE, 2014), o qual contém exemplos de verbetes da própria obra. Este recurso, entretanto, é pouco sucinto. A orientação sobre como as marcas de uso diatópico aparecem nos verbetes, por exemplo, é apresentada em duas oportunidades ao longo do infográfico – quando, na verdade, uma indicação apenas já teria sido suficiente.

É importante observar que o DRAEe (2014) provém da 23ª edição do *Diccionario de la lengua española* (DRAE, 2014). Na verdade, trata-se do mesmo dicionário. O conteúdo presente no DRAEe (2014) nada mais é que uma transposição, para a Internet, do conteúdo de seu suporte em papel. A única diferença entre ambos está nas datas de lançamento – outubro de 2014, no caso do DRAE (2014), e outubro de 2015, no caso DRAEe (2014). Em outras palavras, o suporte impresso da obra é atualizado mais rapidamente que o suporte eletrônico.

No tocante à análise macroestrutural quantitativa, após uma consulta ao CREA (2010) e ao CORDE (2010), descobriu-se que 10 unidades léxicas não apresentavam respaldo em nenhum dos corpora. Tratam-se de *ghost-words*, ou seja, palavras-entrada incluídas nos dicionários, mas que não são reflexo da língua – razão pela qual sua inclusão em um dicionário deveria ser evitada. No que concerne à análise macroestrutural qualitativa, constatou-se que o DRAEe (2014) não inclui nomes próprios, mas lematiza prefixos (s.v. *archi-*, por exemplo) e sufixos (s.v. *-mente*, por exemplo). Os compostos são tratados através de uma estrutura lisa, o que auxilia o usuário durante sua busca. Quanto às variantes, sua inclusão e tratamento serão discutidos na análise medioestrutural.

Para ilustrar a microestrutura (PCI), reproduzimos, no Quadro 1, os seguintes verbetes:

Quadro 1 – microestrutura do DRAEe (2014)

manigero V. manijero ¹ . tertulia [...] estar de tertulia 1. loc. verb. coloq. conversar (hablar).	manijero ¹ Tb. manigero . [...] 1. m. Capataz de una cuadrilla de trabajadores del campo. 2. m. Hombre encargado de contratar obreros para ciertas faenas del campo.	teruvela [...] 1. f. desus. polilla . durazno [...] 3. m. Am. Nombre genérico de varias especies de árboles, como el melocotonero, el pérsico y el duraznero. [...]
beige [...] 1. adj. beis . Apl. a color, u. t. c. s. m.	beis [...] 1. adj. Dicho de un color: Castaño claro. U. t. c. s. m. 2. adj. De color beis . <i>Camisa beis</i> .	tertuliar Conjugar Conjug. como anunciar . 1. intr. Estar de tertulia, conversar.

Fonte: DRAEe (2001), s.v. *manigero*, *manijero*¹, *teruvela*, *tertulia*, *durazno*, *beige*, *beis* e *tertuliar*

A partir dos verbetes do Quadro 1, pode-se observar que a microestrutura concreta consiste no fornecimento de segmentos informativos de caráter: a) ortográfico, através do próprio lema; b) morfológico, como s.v. *beis* (adj.) e s.v. *tertuliar* (nota [Conjug. como anunciar](#)); c) sintático, como s.v. *tertuliar* (intr.) e s.v. *tertulia* ([estar de tertulia](#)); d) pragmático, como s.v. *durazno* (Am.) e s.v. *tertulia* (coloq.); e e) léxico-semântico, através das definições e exemplos¹⁵. Os verbetes são pouco densos e auxiliam majoritariamente na função de compreensão¹⁶. No tocante à qualidade da informação, nem sempre são fornecidas informações discretas. Um exemplo disso é o verbe *teruvela*. Este verbe constitui um dos casos de *ghost-word*, por não apresentar ocorrências no CREA (2010) nem no CORDE (2010). Ainda assim, o DRAEe (2014) o lematiza, e inclui uma marca de uso ([desus.](#)).

No âmbito medioestrutural, percebe-se uma ausência no fornecimento do impulso da remissão. S.v. *manigero*, por exemplo, o consulente é enviado a *manijero*¹ sem qualquer indicação de impulso. Apenas em *manijero*¹ é possível deduzir que a primeira é considerada uma variante ortográfica, através da indicação [Tb. manigero](#). Na mesma esteira, s.v. *beige* tampouco há indicação de impulso. Além disso, não é possível entender por que a remissão parte de *beige* para *beis*, pois a primeira possui 214 ocorrências no CREA (2010), e a segunda, 15 ocorrências¹⁷. Em ambos os casos (*manigero/manijero* e *beige/beis*), a capacidade elucidativa da remissão é comprometida pela falta de indicação de impulso (através de uma marca de uso, por exemplo).

DWR (s.d.)

Este dicionário apresenta um *Front Matter* com poucas informações. São apontadas somente a função de compreensão e as abreviaturas empregadas nos verbetes. Há ainda a seguinte observação: “O site oferece o *Diccionario de la lengua española* © 2005 Espasa Calpe”¹⁸ (DWR, s.d., s.p.). Isso significa dizer que o DWR (s.d.) e seu conteúdo são, na verdade, a transposição de um dicionário impresso, já existente, para o suporte eletrônico via Internet.

Durante a análise macroestrutural quantitativa, constatou-se que há duas *ghost-words* – unidades léxicas que não possuem respaldo nos corpora consultados. Já a partir da análise macroestrutural qualitativa, constatou-se que não são incluídos nomes próprios; por outro lado, são lematizados prefixos (*archi-*, por exemplo) e sufixos (*-mente*, por exemplo). Os compostos, por sua vez, são lematizados através de uma estrutura lisa, o que auxilia o usuário a encontrá-los. As variantes serão tratadas ao longo das análises micro- e medioestrutural.

¹⁵ Ainda que não apareçam nos casos dos verbetes presentes no Quadro 1, os exemplos estão sensivelmente mais presentes no DRAEe (2014), quando comparado à sua edição anterior. Uma maior incidência desse segmento informativo pode ser verificado nos verbetes *gana*, *que* e *qué*. Parece ser o início de um processo de mudanças por parte da RAE no tocante ao nível léxico-semântico.

¹⁶ É inegável que alguns segmentos informativos, como as indicações ortográficas e morfológicas, auxiliam também na função de produção.

¹⁷ Nesta edição, a RAE começa a atribuir um novo tratamento às variantes. A diferença em relação à edição anterior é a indicação da forma variante (introduzida pela marca *Tb.*) no verbe da forma canônica. É o caso de *manijero*¹ (forma canônica), o qual indica *manigero* como forma variante. Esse processo, no entanto, parece estar ainda em fase de implementação. Prova disso é a ausência de indicação, s.v. *beis*, da forma considerada variante pela RAE (s.v. *beige*) – caso esse que, aliás, é controverso, se se considera a frequência de uma e outra forma no CREA (2010).

¹⁸ [El sitio ofrece el *Diccionario de la lengua española* © 2005 Espasa Calpe]

O tratamento dos segmentos microestruturais pode ser observado no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – microestrutura do DWR (s.d.)

beldar [Conjugar→] 1.tr. Aventar las mieses con el bieldo, para separar la paja del grano. ♦ También se escribe <i>bieldar</i> . Irreg. Se conj. como acertar .	liana ◀ [ESCUCHAR] 1.f. Nombre común de diversas plantas trepadoras tropicales incluidas en varias familias, cuyos tallos largos, delgados y flexibles se emplean para fabricar ligaduras, jarcias, tejidos, muebles, bastones, etc. 2. [...]	gamba ² 1.f.col. Pierna. 2. meter la gamba loc. col. Meter la pata: <i>has metido la gamba preguntándole por su novio, porque la dejó hace una semana.</i>
bejuco 1.m. <i>liana</i> .		

Fonte: DWR (s.d.), s.v. *beldar*, *bejuco*, *liana* e *gamba*²

A partir dos verbetes do Quadro 2 acima, pode-se observar que a microestrutura concreta consiste no fornecimento de segmentos informativos de caráter: a) fonético-fonológico, como s.v. *liana* (botão ◀ [ESCUCHAR]); b) ortográfico, como s.v. *beldar* (También se escribe *bieldar*); c) morfológico, como s.v. *beldar* (botão [Conjugar→] e Irreg. Se conj. como **acertar**.); d) sintático, como s.v. *beldar* (tr.) e s.v. *gamba*² (**meter la gamba** loc.); e) pragmático, como s.v. *gamba*² (col.); e f) léxico-semântico, através dos exemplos, como s.v. *gamba*² (acepção 2). Os verbetes, de modo geral, são pouco densos e auxiliam majoritariamente na função de compreensão. No tocante à qualidade da informação, há problemas em relação ao fornecimento de informações discriminantes. S.v. *gamba*², por exemplo, define-se a locução *meter la gamba* através de outra locução (*meter la pata*) – solução que não acarreta um ganho para o usuário.

No âmbito medioestrutural, há casos em que impulso das remissões não é indicado, como é possível observar s.v. *bejuco*. Isso compromete o viés elucidativo da remissão.

DEM (s.d.)

O DEM (s.d.) não possui *Front Matter*. A única informação acerca da origem do dicionário é o selo © 2001, *Espasa Calpe*. Isso indica que o DEM (s.d.), assim como o DWR (s.d.), é uma transposição de um dicionário impresso já existente para o suporte eletrônico.

Em relação à macroestrutura quantitativa, o DEM (s.d.) lematiza uma *ghost-word*. Já a análise macroestrutural qualitativa indicou, por um lado, a não inclusão de nomes próprios e o tratamento dos compostos através de uma estrutura lisa; por outro lado, são incluídos prefixos (*archi-*, por exemplo) e sufixos (*-ma*, por exemplo). As variantes, por sua vez, serão tratadas na análise medioestrutural.

O ponto de partida da análise microestrutural são os verbetes do Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – microestrutura do DEM (s.d.)

belén 1. m. [...] ◦ Asunto complicado. Más en pl.: <i>siempre estás metido en belenes.</i>	beige 1. ◦ (voz fr.) adj. y m. Color marrón claro; pajizo, amarillento [...]. También se escribe beis.	gamba [...] 2. ◦ f. col. Pierna. ◦ meter la gamba loc. col. Meter la pata: <i>has metido la gamba preguntándole por su novio, porque la dejó hace una semana.</i>
gamitar 1. ◦ intr. Balar el gamo.	belemnites 1. ◦ m. [...]. No varía en plural.	belemnita 1. ◦ f. belemnites .

Fonte: DEM (s.d.), s.v. *belén*, *beige*, *gamba*, *gamitar*, *belemnites* e *belemnita*

A partir dos verbetes do Quadro 3, pode-se observar que a microestrutura concreta consiste no fornecimento de segmentos informativos de caráter: a) ortográfico, como s.v. *beige* (También se escribe beis); b) morfológico, como s.v. *belemnites* (No varía en plural); c) sintático, como s.v. *gamitar* (intr.) e s.v. *gamba* (**meter la gamba** loc.); d) pragmático, como s.v. *gamba* (col.); e e) léxico-semântico, através dos exemplos, como s.v. *belén* e s.v. *gamba*. Os verbetes são pouco densos e auxiliam majoritariamente na função de compreensão. Quanto à qualidade da informação, o DEM (s.d.) não é totalmente discriminante, pois, assim como o DWR (s.d.), também define uma locução através de outra locução (s.v. *gamba*). O exemplo, inclusive, é o mesmo nos dois dicionários. Além disso, constatou-se que parte da 1ª acepção de *belén*, reproduzida no Quadro 3, não possui respaldo no CREA (2010) – ou seja, não é discreta.

No tocante à medioestrutura, em casos como o da variante *belemnita*, o dicionário não costuma indicar o impulso da remissão. Além disso, questionamos se essa unidade é realmente uma forma variante, pois não possui respaldo nos corpora consultados.

DEP (s.d.)

O DEP (s.d.) não apresenta um *Front Matter*. A única indicação sobre a possível autoria do dicionário é um selo da Editora Santillana.

Quando à análise macroestrutural quantitativa, não há a lematização de *ghost-words*. No que concerne à análise macroestrutural qualitativa, constatou-se que o dicionário não lematiza nomes próprios nem prefixos e sufixos. Os compostos estão dispostos através de uma estrutura lisa. As variantes, por sua vez, serão tratadas na análise medioestrutural.

Para fins de análise do PCI, na microestrutura, segue o Quadro 4 abaixo:

Quadro 4 – microestrutura do DEP (s.d.)

mentar <i>Es v. irreg. Se conjuga como pensar. [...]</i>	gamberrear 1. (v. intr.) Hacer gamberradas.	gamberro, rra 1. (adj.) Se dice de la persona que por diversión alborota y provoca escándalos, destrozos o molestias.
beige <i>Se escribe también beis, tal como se pronuncia. [...]</i>	gamberrada 1. (s. f.) Acción propia de un gamberro.	
		beis 1. (adj.) ver beige .

Fonte: DEP (s.d.), s.v. *beige*, *beis*, *mentar*, *gamberrear*, *gamberrada* e *gamberro*

A partir dos verbetes do Quadro 4, pode-se observar que a microestrutura concreta consiste no fornecimento de segmentos informativos de caráter: a) fonético-fonológico e ortográfico, como s.v. *beige* (*Se escribe también beis, tal como se pronuncia.*); b) morfológico, como s.v. *mentar* (*Es v. irreg. Se conjuga como pensar*); c) sintático, como s.v. *gamberrear* (intr.); e d) léxico-semântico, através das definições. Os verbetes, de modo geral, são pouco densos e auxiliam majoritariamente na função de compreensão. Em relação à qualidade da informação, há problemas em relação ao fornecimento de informações discriminantes. Por exemplo: é possível que o usuário, ao buscar s.v. *gamberrear*, somente compreenda o seu significado ao buscar *gamberrada* e, em seguida, *gamberro*.

No âmbito medioestrutural, é possível visualizar o tratamento adequado atribuído às variantes através da remissão de s.v. *beis* (considerada *token*, e com 15 ocorrências no CREA

(2010)) a s.v. *beige* (considerada *type*, e com 214 ocorrências no CREA (2010)). No entanto, o dicionário não apresenta impulso em suas remissões, comprometendo seu viés elucidativo.

DLar (s.d.)

O DLar (s.d.) não possui *Front Matter*. A marca © *Larousse Editorial 2012*, que aparece junto a cada verbete, é a única referência bibliográfica apresentada.

No âmbito macroestrutural, a análise quantitativa demonstrou que foram lematizadas cinco *ghost-words*. Por outro lado, a análise macroestrutural qualitativa apontou a inclusão de prefixos (*archi-*, por exemplo) e sufixos (*-mente*, por exemplo). Além disso, os nomes próprios não são lematizados, e os compostos estão organizados através de uma estrutura lisa. As variantes, por sua vez, serão tratadas na análise microestrutural.

Para as análises do PCI, na microestrutura, reproduzimos os seguintes verbetes:

Quadro 5 – microestrutura do DLar (s.d.)

<p>beige [...] <i>adj/ s.m.</i> Del color natural de la lana, amarillo tirando a marrón. NOTA: También se escribe: beis NOTA: En plural: beige</p>	<p>belén ◀ [...] 1 s.m. Representación realista del nacimiento de Jesucristo por medio de figuras. EJEMPLO: <i>guardaron el belén pasado el día de Reyes.</i> 2 coloquial Jaleo, situación o asunto de mucha confusión. 3 Asunto que puede producir problemas.</p>
<p>tertuliar <i>v.intr.</i> <i>Amér. Central y Merid.</i> [...]</p>	

Fonte: DLar (s.d.), s.v. *beige*, *belén* e *tertuliar*

A partir dos verbetes do Quadro 5 acima, pode-se observar que a microestrutura concreta consiste no fornecimento de segmentos informativos de caráter: a) fonético-fonológico, como s.v. *belén* (botão ◀); b) ortográfico, como s.v. *beige* (NOTA: También se escribe: beis); c) morfológico, como s.v. *beige* (NOTA: En plural: beige); d) sintático, como s.v. *tertuliar* (*intr.*); e) pragmático, como s.v. *tertuliar* (*Amér. Central y Merid.*) e s.v. *belén* (*coloquial*); e f) léxico-semântico, através dos exemplos, como s.v. *belén* (acepção 1). Os verbetes, de modo geral, são pouco densos e auxiliam majoritariamente na função de compreensão. Em relação à qualidade da informação, por um lado, o tratamento atribuído às formas variantes contribui para que as informações fornecidas a respeito das mesmas sejam discretas. Um exemplo disso é o tratamento da forma *beige* como *type* e da forma *beis* como *token* – que, conforme comentado na subseção anterior, está de acordo com os dados do CREA (2010). Por outro lado, no entanto, há problemas em relação ao fornecimento de informações discriminantes. Uma consulta ao CREA (2010) demonstrou que, das três acepções s.v. *belén*, apenas a primeira encontra respaldo no corpus. A segunda e terceira acepções apontadas no verbete, por sua vez, não são discriminantes para o usuário.

No tocante à medioestrutura, não há um sistema de remissões visualmente claro. O dicionário não utiliza símbolos nem marcas tipográficas para indicar remissões. Contudo, é possível clicar em qualquer das palavras contidas após o lema; ao fazê-lo, o DLar (s.d.) realiza uma busca interna na sua macroestrutura. Caso exista um verbete correspondente, o mesmo é apresentado em uma nova página; caso contrário, informa-se que não há registros.

Conclusões

Em relação ao primeiro objetivo deste trabalho, foi possível elencar cinco dicionários gerais de língua espanhola disponíveis gratuitamente na Internet. A avaliação dessas obras, por sua vez, revelou que é preciso ter cautela ao empregá-las como recurso auxiliar no processo de ensino-aprendizagem – principalmente aquelas que, à exceção do DRAEe (2014), não estão em conformidade com as novas orientações presentes na GramLE (2009) e na OrLE (2010).

Em primeiro lugar, no âmbito do *Front Matter*, em quatro dos dicionários este componente não auxilia o usuário. No DEM (s.d.), no DEP (s.d.) e no DLar (s.d.), o *Front Matter* não está presente; no DWR (s.d.), as informações apresentadas são insuficientes – o que torna este componente pouco eficiente. Já no DRAEe (2014), o *Front Matter* apresenta uma visão de conjunto das instruções, através de um infográfico. Por outro lado, este infográfico é parcialmente eficiente, pois apresenta informações repetidas, as quais o deixam desnecessariamente mais extenso.

Em segundo lugar, no âmbito macroestrutural quantitativo, existe uma tendência ao não aproveitamento dos dados dos corpora disponíveis durante o processo de inclusão de unidades léxicas. Essa tendência, já sugerida em Borba (2013), a respeito do DRAE (2001), repete-se também nos demais dicionários analisados, à exceção do DEP (s.d.). A análise qualitativa da macroestrutura, por sua vez, revelou que os cinco dicionários precisam revisar a pertinência da inclusão prefixos e sufixos neste componente canônico.

Em terceiro lugar, os cinco dicionários contêm segmentos informativos que auxiliam na compreensão da língua – função própria de um dicionário geral. No entanto, essas obras falham quando, por vezes, não fornecem informações reais da língua (discretas) e/ou informações que o usuário possa aproveitar de modo efetivo (discriminantes).

Em quarto lugar, as análises medioestruturais demonstraram que, em todas as obras analisadas, há uma tendência em apresentar remissões pouco elucidativas, devido à falta de indicação de impulso. Além disso, a inclusão e tratamento das formas variantes carece de correspondência com os dados dos corpora consultados.

Por fim, constatou-se que a publicação e atualização das obras analisadas dependem diretamente da publicação e atualização de dicionários impressos. Em outras palavras, tais obras não são dicionários com conteúdo inédito; ao contrário, consistem na transposição do conteúdo de um dicionário impresso para o suporte eletrônico via Internet. A partir da adoção desse procedimento, abstém-se de aproveitar os diversos recursos que o suporte eletrônico é capaz de oferecer – tal como o uso de outros sistemas semióticos para elevar o grau de elucidação das informações fornecidas, por exemplo. Frente a essa prática, compartilhamos da opinião de Atkins e Rundell (2013, p. 573-574), quem salientam que “o dicionário eletrônico não pode ser simplesmente o dicionário de papel em um formato acessível atraente” (tradução nossa)¹⁹.

¹⁹ [the electronic dictionary cannot be simply the paper dictionary in an exciting accessible format]

REFERÊNCIAS

ATKINS, S.; RUNDELL, M. Lexicographic training: an overview. In: GOUWS, R.; HAUSMANN, F. (Hrsg.). **Dictionaries: an international encyclopedia of Lexicography**. Supplementary - Vol. 4. Berlin: De Gruyter, 2013.

BORBA, L. C. El Diccionario de la Real Academia Española: entre la tradición y la modernidad. **ABEH**, São Paulo, v. XXIII, p. 257-268, 2013.

_____. **Panorama da Lexicografia Hispânica**: subsídios par o professor gaúcho de espanhol. 2014. 83p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BORBA, L. C.; BUGUEÑO MIRANDA, F. Análise de cinco dicionários semasiológicos de língua espanhola: a correlação entre o Front Matter e a Macro e Microestrutura. **Extensio**, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 32-43, 2012.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. O que o professor deve saber sobre a nominata do dicionário de língua. **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 6 e 7, n. 10/11, p. 17-31, 2004-2005.

_____. O que é macroestrutura no dicionário de língua?, in: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. São Paulo: Humanitas, v. 3, p. 261-272, 2007a.

_____. O dicionário como reflexo da língua. **Expressão**, Santa Maria (UFSM), v. 11, n. 1, p. 97-105, 2007b.

_____. Sobre a microestrutura em dicionários semasiológicos do alemão. **Contingentia**, Porto Alegre, v.4, n.2, p. 60-72, 2009a.

_____. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. **Alfa**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 243-260, 2009b.

_____. Balanço e perspectivas da lexicografia. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, (UFSC), v. 32/2, p. 15-37, 2013.

_____. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n.1, p. 215-238, 2014.

_____.; FARIAS, V. S. Proposta de um modelo de avaliação de dicionários escolares de Língua Portuguesa. In: XIV SEMINÁRIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2013, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3., p. 01-20.

_____.; ZANATTA, F. Problemas medioestruturais em dicionários semasiológicos do português. **Lusorama**, Frankfurt am Main, n. 83-84, p. 80-97, 2010.

CORDE (2010). REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Corpus Diacrónico del Español**. Disponível em: <<http://corpus.rae.es/cordenet.html>>. Acesso em: 23 set. 2015.

CORPAS PASTOR, G. Review: Diccionario Básico Escolar. **International Journal of Lexicography**, Oxford University Press, v.18, n. 2, p. 267-272, June 2005.

COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. 130p.

CREA (2010). **Corpus de Referencia del Español Actual**. Real Academia Española: Banco de datos. <<http://corpus.rae.es/creanet.html>> Acesso em: 23 set. 2015.

DEM (s.d.). **Diccionario de la lengua española El Mundo**. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/diccionarios>>. Acesso em: 23 set. 2015.

DEP (s.d.). SANTILLANA. **Diccionario Castellano**. Disponível em: <<http://servicios.elpais.com/diccionarios/>> Acesso em: 23 set. 2015.

DiPE (2007). REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Diccionario Práctico del Estudiante**. Barcelona: Santillana, 2007.

DLar (s.d.). LAROUSSE-VOX. **Diccionario de Lengua Española**. Disponível em: <<http://www.diccionarios.com>>. Acesso em: 23 set. 2015.

DRAE (2001). REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Madrid: Espasa, 2001.

DRAE (2014). REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Madrid: Espasa, 2014.

DRAEe (2014). REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Disponível em: <<http://dle.rae.es/>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

DUEAE (2002). VOX. **Diccionario de Uso del Español de América y España**. Barcelona: SPES Editorial, 2002. CD-ROM.

DWR (s.d.). **Diccionario de español Word Reference**. Disponível em: <<http://www.wordreference.com/definicion/>>. Acesso em: 23 set. 2015.

ERES FERNÁNDEZ, G. et al. **Materiais didáticos de espanhol: entre a quantidade e a diversidade**. 2012. 68f. Relatório final de pesquisa não financiada – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www4.fe.usp.br/wp-content/uploads/cepel/materiales-didacticos-de-espanol-informe.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.

FARIAS, V. S. Subsidios lexicográficos para la enseñanza de lenguas extranjeras: Qué diccionarios tienen a su disposición los aprendices brasileños de español? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 47-71, 2011.

FARIAS, V. S. **Sobre a definição lexicográfica e seus problemas: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos**. 2013. 398f. Tese (Doutorado em Teorias Linguísticas do Léxico) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FORNARI, M. K. Concepção e desenho do Front Matter do dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Voz das Letras**, Concórdia, n. 9, s.p., 2008.

GramLE (2009). REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2009.

HARTMANN, R. R.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London: Routledge, 1998.

HEID, U. The impact of computational lexicography. In: Gouws, R.; Hausmann, F. (Hrsg.). **Dictionaries: an international encyclopedia of Lexicography**. Supplementary - Vol. 4. Berlin: De Gruyter, 2013.

INSTITUTO CERVANTES. **El Español: una lengua viva**. Informe 2015. Madrid: Instituto Cervantes, 2015.

IZQUIERDO, M. A. Una década de lexicografía académica. **ABEH**, São Paulo, p. 269-288, 2013.

OrLE (2010). REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Ortografía de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2010.

PCIC. **Plan Curricular del Instituto Cervantes**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2006.

QECL. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas** - Aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições ASA, 2001.

RAE. **Diccionario de la lengua española**. Disponível em: <<http://www.rae.es/obras-academicas/diccionarios/diccionario-de-la-lengua-espanola>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

RAE. **Artículos de muestra**. Disponível em: <http://www.rae.es/sites/default/files/Articulos_de_muestra.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2015.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. Educação linguística e aprendizagem de uma língua adicional na escola. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. **Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul**. Lições do Rio Grande. Porto Alegre, 2009. 257 p.

TEDESCO SELISTRE, I. C. **Desenho de um dicionário passivo inglês/português para estudantes do Ensino Médio**. 2012. 301f. Tese (Doutorado em Teorias Linguísticas do Léxico) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VOX. **Diccionario General de la Lengua Española VOX**. Barcelona: VOX Editorial, s.d.

WIP. **World Internet Project**. International Report. Fifth Edition. Los Angeles: University of Southern California, 2013.

Recebido em: 06/12/2015. Aprovado em: 17/05/2016.